

NOTICIÁRIO

AUGUSTA CANDIANI

Uma biografia fascinante, e que já deveria ter merecido estudo mais completo dos nossos historiadores e aficionados pelo teatro, é sem dúvida a de Augusta Candiani, cantora lírica e provavelmente uma das precursoras da modinha popular, que faleceu em Santa Cruz no dia 28 de fevereiro de 1890, depois de ter vivido os seus derradeiros dias na antiga rua do Comércio, hoje Senador Camará, conforme certidão da 13ª Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais, que nos chegou às mãos por uma especial deferência de Claudir de Melo Pimenta, Oficial daquele Cartório.

Natural de Milão, Itália, com sessenta e seis anos faleceu às quatro e meia da madrugada vítima de uma úlcera cancerosa, conforme atestava o Dr. José Celestino do Nascimento Silva, a pedido de Francisco José Silva Lessa.

Ayres de Andrade, em *Francisco Manuel da Silva e seu tempo* observa que teria bastado uma única oportunidade para que Augusta Candiani conquistasse a capital do Império do Brasil, assinalando que “daria para encher um volume de bom tamanho do que sobre ela então se escreveu em prosa e verso”. E, de fato, nos jornais, revistas e outros periódicos são inúmeras as notinhas e “publicações a pedido” que se fizeram inserir nas páginas daqueles periódicos.

Escragnolle Dória, em artigo intitulado *O Álbum de Candiani*, publicado na “Revista da Semana”, edição de 9-12-1922, chama a atenção para uma das relíquias da atriz, que seria seu álbum recheado de versos, textos em prosa e enriquecido com iluminuras e desenhos de pássaros, de autoria do arquiteto Joaquim Cândido Guillobel, álbum hoje pertencente a Jorge G. Vieira.

Até o velho Machado de Assis deixou-se embevecido pela beleza física e voz maviosa de Candiani. Já na velhice, evocava os dias em que, também ele, como tantos outros de sua geração, ajudava a puxar o carro da cantora lírica: “Ó tempos! Ó saudades! Tinha eu vinte anos, um bigode em flor, muito sangue nas

veias e um entusiasmo capaz de puxar todos os carros do Estado, até o carro do sol - duas metáforas que envelheceram como eu. Bom tempo! A Candiani não cantava, punha o céu da boca e a boca no mundo. Quando ela suspirava a Norma era de pôr a gente fora de si. O público fluminense, que morre por melodia como macado por banana, estava então nas suas auroras líricas. Ouvia a Candiani e perdia a noção da realidade. Qualquer badameco era um Píndaro”.

É bem possível que muito em breve possamos contar com um estudo biográfico mais completo e sério sobre Augusta Candiani. O escritor Tácito Pace já vem desenvolvendo pesquisas há alguns anos, contando com o nosso apoio bem como da professora Alice Marthã Pereira, tetraneta da cantora lírica, que não tem poupado esforços para obter dados biobibliográficos nos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro e até de São Paulo.

Enquanto o trabalho do Dr. Tácito Pace não vai para o prelo, relacionamos, para os mais interessados no assunto, alguns títulos que contém referências e curiosidades sobre a vida e a obra da famosa cantora lírica que viveu os últimos dias da sua existência em Santa Cruz.

Andrade, Ayres de - *Francisco Manuel da Silva e seu tempo*, vol. I, 1967.

Cernicchiaro, Vincenzo - *Storia della Musica nel Brasile*. 1926.

Guimarães, A. C. d'Araujo - *A Corte no Brasil*.

Grieco, Agripino - *Machado de Assis*. 1959.

Lamego, Alberto Ribeiro - *O Homem e o Brejo*. 1946.

Andrade, Átila de - *A glória de Augusta Candiani*.

Freitas, Benedicto - *A famosa Candiani em Santa Cruz*, em vol. III de *Santa Cruz, Fazenda Jesuítica, Real e Imperial*. 1985.

Abreu, Brício de - *A precursora do sucesso popular e Precursora da modinha: Augusta Candiani*, em “*O Cruzeiro*”, 1956. *Esses populares tão desconhecidos*. 1963.

Pontes, Eloi - *A vida contraditória de Machado de Assis*. 1939.

Pinho, Wanderley - *Salões e damas do Segundo Reinado*. 1942.

Magalhães Jr., R. - *Idéias e imagens de machado de Assis*. 1956.

Nota de SNS (Sinvaldo do Nascimento Souza) em *Boletim NOPH*, maio/junho de 1989.